



O remédio de Sêneca

**Alaércio Bremmer Maia¹*

Conta-se que certo dia, não se sabe se devido a algum cientista louco que resolveu trazer novamente à vida personalidades históricas, ou se por pura imaginação desse autor que vos escreve, Sêneca, o grande filósofo da terceira fase do estoicismo, ressurgiu sem mais nem menos na contemporaneidade. Ele, que um dia serviu ao principado romano no século I d.C., era igualzinho ao Sêneca que um dia Peter Paul Rubens, o pintor barroco do século XVII, resolveu pintar. É verdade que menos robusto.

Com o espanto típico de um pensador, somado ao assombro de uma pessoa que foi parar em uma época completamente distinta, Sêneca contemplava o mundo a sua volta. Ficou impressionado com as imensas construções e ficou a se perguntar sobre o que seriam aqueles objetos que as pessoas manipulavam quase que hipnotizadas enquanto caminhavam. Não menos impressionado ficou com as espécies de bigas sem cavalos e movidas por algum engenho escondido, mas ficou aborrecido com as pessoas que as manuseavam, já que mesmo sem espadas pairava um ar de guerra. Mas o que o deixou pasmo mesmo foram os diversos murais, com dizeres de “Compre!” “Compre!”; “Você precisa disso!” e “Abra a felicidade, Coca Cola”. Sêneca contemplava tudo isso estoicamente, mas não demorou a perceber que a sociedade a sua volta não era nada estoica. Caminhou mais um pouco e chegou a uma praça. O primeiro lugar arborizado e com algum verde que vira no meio de tanto cinza desde então. Vagueava mais tranquilo, até que se deparou com um jovem de vinte e tantos anos, sentado em um banco, que chorava

¹ Acadêmico do curso de filosofia da Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória. Contato: maiaalaercio4@gmail.com

silenciosamente. Sêneca sentou ao lado do rapaz e ficou em silêncio por um instante. Então lhe perguntou, *Por que choras?*

O jovem visivelmente incomodado fez menção de se levantar para ir embora, mas Sêneca interveio novamente, *Vamos rapaz, dê tempo a um velho e desconhecido. Conta-me o motivo de tuas lágrimas.* O rapaz ponderou um pouco e sentou-se. Precisava conversar com alguém, nem que este alguém fosse um completo estranho. *Bem. Acabei de sair de uma consulta e o médico disse que o que tenho é bem grave. Talvez irreversível. Ainda farei alguns exames para confirmar, mas é quase certo que...* Ao que foi interrompido pelo filósofo, *Meu amigo, a expectativa é o maior impedimento para viver: leva-nos para o amanhã e faz com que se perca o presente. Daquilo que depende do destino deve-se abrir mão².*

Você não entende, disse o jovem rapaz. *É que na verdade tenho medo de morrer. Vendo a minha vida agora não sei se vivi muito bem. Parece que desperdicei uma boa parte dela, e agora que ela escorre pelas minhas mãos, tenho medo.* Não era a primeira vez que Sêneca se viu diante das angústias de um jovem. Lembrando-se das angústias e devaneios de seu pupilo Nero, percebeu que certas noções ainda perduravam neste mundo ainda desconhecido por ele. Se filosofia é um modo de vida, pensou Sêneca, haveria de situar-se rapidamente neste tempo distante para aconselhar o jovem rapaz: *Devo dizer que não me surpreendes que digas isto. Aliás, eu bem que ficaria surpreso se alguém me dissesse que vive bem nesta sociedade. O pouco tempo que estive por aqui foi o suficiente para perceber que a felicidade de vocês está marcada nas coisas e não em vocês. Vários colegas meus achariam tudo isto estranho. Esta sociedade não só parece tomada por paixões e extravagâncias, como parece incentivá-las, o que é muito pior.*

Percebendo a confusão no rosto do rapaz diante do que falava, Sêneca completou: *A propósito, é importante que saibas, muito embora vás me achar um louco por dizer isso. Acho que não estou em minha época, A propósito em que ano estamos?* O jovem visivelmente desconfiado e sem entender muito bem, respondeu: *2018.* Agora fora Sêneca que mostrou plena confusão, pois como era possível afirmar o ano de 2018 sem fazer referência à fundação de Roma ou aos anos do governo de um imperador? Sêneca desiludido sentenciou:

² SÊNECA, Lucio Anneo. **Sobre a brevidade da vida.** Porto Alegre: L&PM, 2017, p.46.

definitivamente estou na época errada, mas uma coisa é certa: desde o meu tempo, até agora, pouca coisa mudou no que diz respeito ao humano. Vocês continuam inebriados por paixões. Continuam se achando superiores à natureza, muito embora, é verdade, sejam apenas mais uma parte dela. E, é claro, devido às paixões, continuam erroneamente temendo a morte. Percebo que a filosofia estoica e seus conselhos pouco efeito surtiram no modo de vida das pessoas.

O jovem rapaz que antes estava desacreditado em sua própria vida, agora precisava de algumas respostas. *Você fala em paixões, estoicos, estoicismo. Pode me explicar o que é isto? Porque eu estou realmente perdido.* Após alisar suas longas barbas e coçar os cabelos brancos, Sêneca falou: *Meu jovem, penso que o que falarei pode ser de grande valia para ti e para a resolução do teu temor inicial. Procurarei ser breve e sucinto. O estoicismo é um modo de vida filosófico que propõe que a finalidade do homem é viver em conformidade com a natureza. Sendo assim, o homem sábio é aquele que compreende seu lugar no cosmos; busca viver de acordo com a natureza, sabendo que há coisas que estão em seu poder alterar e outras não. É importante que atentes para a palavra natureza que, para nós, estoicos, adquire uma importância fundamental. A natureza é, para nós, divina e providencial. Ela dota cada ser com o que lhe é necessário e, no caso do humano, acrescenta-lhe a razão, que o conduzirá a felicidade, que nada mais é do que aquilo que elenquei como sendo a finalidade do homem: viver em conformidade com a natureza, entendido até aqui?*

O jovem respondeu com a cabeça afirmativamente e parecia estar encantado com o que aquele senhor estava a lhe falar. Sêneca então prosseguiu: *Pois bem. Para tanto, propomos uma ética bem específica. Viver de acordo com a natureza é viver uma vida virtuosa, e o que nos leva à virtude é a razão, que em hipótese alguma pode ser perturbada pelas paixões. Quando nos deixamos conduzir pela razão estamos vivendo naturalmente e, por consequência, levando uma vida virtuosa. Presumo de que já consigas entender de que se levar uma vida virtuosa é agir de acordo com a razão, agir de acordo com as paixões é viver uma vida irracional, ou seja, é viver em desconformidade com a natureza. Se aquele estranho homem era um louco, um visionário, um E.T travestido de humano, pouco importava. O jovem rapaz já*

estava inteiramente absorto por suas palavras. Eis que nova pergunta fez, *mas o que são as paixões que você tanto fala?*

Juízos errôneos, impulsos excessivos ou condutas irracionais que se mostram contrários à natureza, disse Sêneca. É importante dizer que as paixões afetarão um campo de máxima importância na ética estoica - o campo dos indiferentes. Os indiferentes, para nós, são coisas que não são nem boas nem más. Tal como a saúde, a riqueza e a morte. Daí o grande problema das paixões, meu amigo. Elas farão com que atribuamos valores de bem e de mal a esses indiferentes. Mas há de se compreender que tudo aquilo que ora pode ser bom ora pode ser mau não pode ser nem uma nem outra coisa. É a tentativa de valorar todos os indiferentes que nos causam a dor e o sofrimento. Como é o seu caso agora diante da morte.

Apertando o banco no qual estava sentado e olhando para o infinito, o jovem rapaz suspirou e falou: *achei lindo e tocante tudo isso que você falou. É realmente de uma sabedoria sem igual. O problema é o de eu ter aprendido isso tarde demais.* Sorrindo e com os olhos fixos no jovem rapaz Sêneca respondeu: *Olha! já estás errando novamente. Lembras do que eu disse no começo de nossa conversa: daquilo que depende do destino deve-se abrir mão. A morte não depende de ti e nem é boa ou má, pois o seu valor é mutável de acordo com a situação. Mas se estás preocupado com o que possa acontecer depois da morte, lembra-te de que somos parte da natureza. Nela, nada se perde. Então, sendo tu parte dessa natureza, não morrerás, mas apenas passarás a ser de outro modo na perfeição divina do cosmos.*

Essa ideia trouxe-me uma tranquilidade difícil de expressar, afirmou o rapaz. Eu não sei nem como agradecer pela conversa que tivemos. Sêneca, com a mão esquerda, tocou o ombro do jovem rapaz e suspirou, *ataraxia!* Outra nova palavra que não fora prontamente compreendida, mas sem mais tempo o jovem apenas perguntou o nome do senhor com quem falara. *Seu Sêneca. Só tenho a agradecer pela conversa. Vou passar hoje mesmo pela biblioteca e pegar alguns livros sobre essa filosofia que o senhor tanto falou. Até mais!* E assim saiu o jovem rapaz sem saber que teve a oportunidade de conversar com um dos homens mais brilhantes que já passaram pela terra.

Sêneca ficou mais um tempo sentado no banco, olhando as árvores, flores e plantas ao seu redor, bem como as pessoas que passavam apressadamente pelas vielas da praça. Não sabia nem o que faria nem para onde iria depois que saísse dali, entretanto, ficou muito feliz em saber que suas palavras, bem como a corrente filosófica da qual fazia parte, ainda continuava surtindo efeito nas pessoas. A filosofia continuava a ser o melhor remédio para as angústias humanas.

Referências

INWOOD, Brad. **Os estoicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Edificar-se para a morte**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.